

# Um oásis brilha no deserto. A corte e sua gente

A Cidade é um pouco estranha para quem não a conhece, principalmente para quem chega de avião e vê pela janela seu traçado retilíneo e solitário surgindo repentinamente no vazio deserto do cerrado. Para o governador de Pernambuco, Roberto Magalhães, que parece desprezá-la, ela mais parece um "emirado árabe".

É verdade que, para quem chega de avião, a Cidade é como um brilhante oásis plantado no luminoso deserto do planalto. E ela própria é um avião: seu planejador construiu um eixo e ao longo dele duas asas, a Norte e a Sul. Nestas asas estão as superquadras com seus edifícios retilíneos e simples — uma rígida sinfonia de formas leves e singelas.

Na Asa Norte os apartamentos são confortáveis, embora sem o luxo dos da Asa Sul. Aqui vivem generais, coronéis, professores, profissionais liberais e os deputados, que geralmente odeiam a Cidade e a conhecem pouco, pois vivem encarcerados

no Congresso, como se este fosse — e quase é — uma outra cidade, ou em seus apartamentos: todos iguais, e com móveis também iguais.

Na Asa Sul, a área mais bem urbanizada da Cidade, muitos dos apartamentos são enormes, duplex, quatro quartos, disputadíssimos. Aqui vivem os superfuncionários de primeiro escalão, assessores de ministérios, dirigentes de empresas estatais. Para morar ali, eles pagam uma taxa simbólica.

No meio do Eixo, a Catedral, bellíssimo monumento artístico. Mais adiante, na direção do bico do avião, a Praça dos Três Poderes. Ao centro, o Congresso Nacional. De um lado, o Palácio do Planalto, verdadeiro centro do poder. Do outro, o Palácio da Justiça. No caminho entre as duas asas e a Praça dos Três poderes, ao longo do eixo, a imponente Esplanada dos Ministérios. Naqueles edifícios iguais, retos e envidraçados, encastela-se a poderosa tecnoburocracia.

Fora do traçado do avião, e já saindo da Cidade, na direção áreas bucólicas, cercadas de iridas rodovias que levam ao outro preensíveis gramados, estão as espáhs, estão as Mansões Park Way — baixadas dos países que se fazem residir alguns embaixadores representar na Corte, as residências — e enormes chácaras residenciais dos ministros, as residências das em torno de casas que mais parecem autoridades e dos milionários castelos, tal sua fantástica ostentação escritórios de lobby — tudo isso tão: uma incongruente mas vistosa margens de um tranquilo lago artimistura dos mais contraditórios estilos arquitetônicos.

À beira do lago, uma região frescante onde um simples terreno vale mais de Cr\$ 100 milhões, mas, como o censo é frio e impessoal, surgiu recentemente nesse contingente populacional, apesar que perto delas as suntuosas residências ministeriais já parecem se asas do avião, das margens do lago ou das chácaras.

Os palácios da Corte são habitados por novos ricos, negociantes que enriqueceram ou se tornaram assim — vive nas oito cidades-satélite, que mais ricos à sombra do poder ou na Corte insistem em manter à margem causa dele, como é o caso do constro poder e do fausto. São cidades mineiro Gilberto Salomão, pobres, que nasceram sem planejamento no Lago um majestoso sentimento, onde vive também grande comercial, onde funciona o resto parte dos pequenos e humildes servidores Gaf — o preferido da Corte que, todos os dias, enfrentam

dificuldades terríveis — principalmente de transporte — para ir à Corte, onde contribuem, com seu trabalho, para a tranquilidade e o conforto dos cortesãos.

Pouco mais de 20% da população, portanto, vive realmente na Corte. Dos que trabalham, 4,1% recebem mais de 20 salários mínimos, enquanto 21,3% ganham mais de cinco salários mínimos (no País essa média é de 10,9%). Um dado curioso: 54% da população trabalha, quando em qualquer outra cidade do mundo a força de trabalho se situa entre 25% e 28% da população. Pelo menos aparentemente, trabalha-se muito nesta Cidade.

A renda per capita na Corte chega a 4 mil dólares, comparável à dos países mais desenvolvidos do mundo. (Nas cidades-satélites de Ceilândia, Gama e Brasília, as mais pobres, essa renda cai para apenas 500 dólares, inferior à média nacional, que não chega a 900 dólares).

Servem à Corte 43 mil funcionários públicos, mas a maioria deles

não desfruta os privilégios do parafuso. Pois há uma grande diferença em estar junto da Corte e fazer parte dela. Mesmo os felizes habitantes dos limites do avião — aquelas 300 mil pessoas — não podem afirmar, todas elas, que são a Corte.

Elas bem que gostariam de dizer isso, mas sabem que a verdadeira, única, poderosa e brilhante Corte abriga apenas uns 4.000 notáveis: ministros, secretários-gerais de ministérios, assessores, oficiais militares, embaixadores de 78 nações do planeta, quase mil diplomatas com seus cônjuges, os barões da burocacia e os novos ricos.

É uma Cidade segura e protegida: ao longo da saída Sul, alinharam-se as barreiras das polícias militar e federal, o Corpo de bombeiros e a Escola Nacional de Informações. Na saída Norte esai de Informações. Na Militar Urbano os quartéis: o setor do Exército, o Quartel-General das Forças Armadas. No Sul os Departamentos Militares. Na Aérea ficaram ainda as instalações da Aerofísica e da Marinha. Um perfeito cinturão de segurança.